

Um Aquiles em minha história: A etnomatemática que valoriza e liberta!

Aldivania Alves Salvador Wernz

Águia Branca, Espírito Santo, Brasil

dil.salvador@hotmail.com

Doutoranda no Programa de Pós Graduação em Ciência Tecnologia e Inovação em Agropecuária

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Orcid 0009-0001-4193-5326

Desde que me joguei nesse mundo da educação, uma coisa ficou muito clara pra mim: ensinar não é só passar conteúdo, decorar fórmulas ou repetir o que tá no livro. Vai muito além disso. Ensinar é, antes de tudo, escutar. É perceber que, por trás de cada olhar curioso (ou até distraído), existe uma história. Cada aluno carrega dentro de si um mundo inteirinho cheio de memórias, vivências, dores, alegrias, descobertas... E muitas dessas riquezas ficam ali, quietinhas, quase invisíveis, sufocadas pela correria do dia a dia da sala de aula. Mas quando a gente para, respira e olha de verdade, a mágica acontece. Porque a educação de verdade é aquela que toca, transforma e deixa marca, nasce do encontro entre pessoas. E é nesse encontro que mora o poder de transformar vidas. Inclusive a nossa. Lembro-me de uma frase que ecoa forte em minha cabeça: A valorização dos saberes práticos e populares precisa ser considerada nas escolas, como dizia o saudoso D'Ambrosio, no programa Etnomatemática, que defende a valorização dos saberes dos estudantes e ressalta que etnomatemática é observar a sabedoria presente em cada cultura, em cada modo de fazer. É a riqueza dos conhecimentos de cada cultura.

É como se cada experiência do cotidiano, cada história de vida fosse uma peça importante na construção do conhecimento. É preciso reconhecer que o que aprendemos na vida ajudando na roça, consertando uma cerca, cuidando de uma horta também é uma forma de entender o mundo, uma aprendizagem que merece ser valorizada.

Mais do que uma estratégia didática, essa abordagem é uma forma de respeito. Respeito pelo percurso de cada um, pelas lições de casa, pela cultura familiar, pelas atividades do cotidiano. E é exatamente aí que a magia acontece: quando a prática social, o

trabalho na roça, a feira, o cuidado com a plantação, tudo isso vira parte do processo de aprendizagem.

Quem nunca ouviu aquela pergunta: "O que você já sabe sobre isso?" No começo pode parecer uma simples curiosidade, mas na verdade ela guarda um grande segredo. Porque, na essência, ela nos convida a reconhecer que cada alguém já possui um universo de conhecimentos construídos ao longo da vida, muitas vezes invisíveis aos olhos de quem só conhece os livros.

Porque ensinar de verdade é isso: reconhecer que o que já sabemos é uma base sólida, uma fonte de força, de motivação. A escola precisa entender que nossos saberes prévios não são obstáculos, mas pontos de partida. E, ao fazer isso, promovemos uma aprendizagem mais prazerosa, mais significativa, mais humana.

No final, perceber que cada história de vida é uma peça importante no quebra-cabeça do conhecimento faz toda a diferença. Ensinar, assim, é valorizar a identidade, é escutar com atenção o que cada um tem a dizer porque, nesse movimento, construímos uma educação mais justa, mais leve, e por que não dizer, mais verdadeira.

Sempre que entrava em sala de aula, eu percebia que o aprendizado ganhava vida quando fazia sentido pra eles. Bastava falar de lavoura, café ou da lida no campo, e os olhos brilhavam. Os alunos contavam, com orgulho, como ajudavam os pais, como sabiam do jeito certo de plantar, colher, usar cada ferramenta. Não vinham dos livros, mas da vida. E ali, entre cadernos e histórias, eu via o saber da terra e o saber da escola se encontrando, lado a lado, sem briga, só soma.

Foi aqui em Águia Branca que tudo aconteceu. Uma cidadezinha pacata, de alma rural, onde o cheiro do café recém-colhido se mistura com o vento que desce das montanhas. Quem vive ali carrega nas mãos e na pele a marca do trabalho da roça e no coração, aquele jeito simples e bonito de ver a vida.

Eu trabalhava numa escola rural, o Centro Estadual Integrado de Educação Rural - CEIER, localizado na comunidade de São Pedro, onde os dias começavam cedo, com as botas sujas de terra e o som das vozes misturado ao canto dos passarinhos. Dava aula de

matemática, essa mesma que muita gente torce o nariz, achando que é feita só de números frios e fórmulas sem alma. Mas naquele ano, a matemática ganhou outro rosto pra mim e o nome dela era Aquiles.

Aquiles era aluno do 8º ano. Tinha um jeito arredio, meio distante das aulas, às vezes dormia, outras nem se dava ao trabalho de fingir interesse. Não gostava de estudar, diziam. Mas eu sabia de uma coisa: ninguém nasce sem curiosidade. Às vezes, só falta alguém acender a faísca certa.

Ele vinha de uma família conhecida na cidade. O pai, o famoso “Boró”, era respeitado por todo mundo como o melhor fazedor de cerca da região. E Aquiles, como bom filho de quem entende do ofício, já ajudava o pai desde cedo. Sabia de cor o tamanho das estacas, o alinhamento dos arames, o espaçamento certinho, tudo feito com olho bom e cálculo de cabeça.

Foi aí que a ideia me bateu: por que não levar Aquiles pro lugar onde ele se sente vivo? A escola tinha uma horta, cada professor cuidava de um pedaço. E naquele chão batido, sob o sol e o cheiro da terra molhada, Aquiles se destacou. Passou a medir os canteiros com precisão, calcular espaçamento com desenvoltura, orientar os colegas com exemplos vindos direto da lida com o pai.

Aquele menino que dormia em sala agora brilhava do lado de fora. E foi ali, naquele “lado de fora”, que as aulas de matemática começaram a fazer sentido pra ele, pros colegas e até pra mim. As avaliações, antes feitas entre quatro paredes, passaram a acontecer com enxada na mão, entre alfaces e pés de couve.

Com o tempo, Aquiles percebeu que já sabia muita coisa. Só não tinha dado nome a esses saberes ainda. E quando ele ligou os pontos, o olhar dele mudou. O menino começou a gostar das aulas, e mais a família apareceu na escola só pra dizer que ele andava empolgado, falando de matemática em casa.

Foi um daqueles momentos em que o coração da gente se aperta não de dor, mas de alegria. Eu entendi, ali, que estava no caminho certo. E olha que, naquela época, eu nem sabia o que era Etnomatemática. Só anos depois fui descobrir esse termo bonito

através de um texto do mestre Ubiratan D'Ambrosio. E quando li, me vi inteira ali. Era isso: o nome do que eu já sentia, já fazia, meio no instinto, meio no afeto.

Porque como dizia o próprio D'Ambrosio, a matemática está no cotidiano nas contas feitas de cabeça na feira, na medida do pano na costura, no jeito de distribuir sementes na plantação. O saber mora em cada gesto, em cada prática cultural. E ensinar, nesse contexto, não é só mostrar o caminho: é caminhar junto, reconhecendo que cada aluno já vem cheio de mundo dentro de si.

Desde então, nunca mais olhei pra matemática do mesmo jeito. Nem pra educação. Porque ensinar, eu aprendi com o Aquiles, não é só conteúdo. É encontro. É reconhecer o saber do outro. É dar valor ao que parece simples, mas que carrega a força de gerações inteiras.

E no fim das contas, a gente entende que a escola também pode ter cheiro de terra, gosto de fruta no pé e som de risada entre os canteiros.

Foi com o Aquiles, um estudante da zona rural de Águia Branca, que eu entendi de verdade o poder de ensinar respeitando os saberes que o aluno já traz da vida. Ele ajudava o pai a fazer cerca, sabia medir, calcular, tudo com a lógica da prática. Quando levei essa vivência pra dentro das aulas de matemática, tudo mudou: o interesse, a participação e, principalmente, a autoestima dele.

Essa experiência me mostrou, na prática, o que a Etnomatemática defende que a cultura e o cotidiano dos alunos são pontos de partida valiosos. Ensinar com significado, sem colocar o conhecimento "científico" acima do saber popular, transforma o jeito de aprender. E foi essa vivência que me levou a buscar mais, me inscrevendo no mestrado em Educação Agrícola. Porque, no fim das contas, ensinar é isso: reconhecer o valor que já existe em cada um.

Um Aquiles em minha história: a etnomatemática que valoriza e liberta!

An Achilles in my story: a ethnomathematics that values and liberates!

Un Aquiles en mi historia: etnomatemática que valora y libera!

Resumo

Este trabalho, em formato de crônica, relata uma experiência baseada na Etnomatemática D'Ambrosiana, de Ubiratan D'Ambrosio. A partir da história de Aquiles, aluno com saberes práticos do campo, mostro como a matemática pode ganhar sentido ao se conectar com o cotidiano do estudante. A narrativa destaca a importância de valorizar os conhecimentos prévios dos alunos, promovendo um ensino mais inclusivo, afetivo e próximo da realidade. Essa vivência marcou minha trajetória e motivou meu ingresso no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: etnomatemática. D'Ambrosio. Valorização. Saberes. culturais.

Abstract

This work, written as a chronicle, shares an experience based on D'Ambrosian Ethnomathematics by Ubiratan D'Ambrosio. Through the story of Aquiles, a student with practical rural knowledge, I show how mathematics becomes meaningful when connected to students' daily lives. The narrative highlights the importance of valuing students' prior knowledge to promote a more inclusive, affective, and reality-based learning process. This experience deeply influenced my professional path and led to my admission into the Graduate Program in Agricultural Education at the Federal Rural University of Rio de Janeiro.

Keywords: ethnomathematics. D'Ambrosio. Appreciation. Knowledge. Cultural.

Resumen

Este trabajo, presentado en forma de crónica, relata una experiencia basada en la Etnomatemática D'Ambrosiana de Ubiratan D'Ambrosio. A través de la historia de Aquiles, un estudiante con saberes rurales prácticos, muestro cómo las matemáticas cobran sentido al conectarse con la vida cotidiana del alumno. La narrativa resalta la importancia de valorar los conocimientos previos de los estudiantes para promover un aprendizaje más inclusivo, afectivo y conectado con la realidad. Esta experiencia marcó mi trayectoria profesional y motivó mi ingreso al Programa de Posgrado en Educación Agrícola de la Universidad Federal Rural de Río de Janeiro.

Palabras clave: etnomatemática. D'Ambrosio. Valorización. Conocimiento. Cultural.